

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

EDITOR

João de Sá Sotto-Maior Pizarro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancellia Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban

Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 19 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 12 de Abril de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1,5000 reis — Serie de 36 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3,5000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1,8000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6,5000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

El-Rei D. Manuel

Como promettemos, publicamos hoje as palavras com que Annibal Soares precedeu a entrevista que teve com El-Rei e que transcrevemos n'um dos nossos ultimos numeros:

Já lá vae o tempo em que Thiers, relembrando a celebre allusão do polaco Zamoyski a Sigismundo III—o *Rei reina, mas não governa*—pretendia fazer d'ella como que a chave do systema monarchico representativo, no sentido de privar a magistratura regia de toda a collaboração official intelligente e autonoma, na gerencia dos negocios publicos.

Eram os tempos ideologicos do direito constitucional no continente da Europa. Como se sabia d'um cyclo historico em que o poder do Rei tinha sido absorvente e exclusivo, e se entendia agora que esse absolutismo regio fôra a razão e a origem de todos os males sociaes, logo houve quem pensasse, a contrario sensu, que abolindo por completo a realza se faria logicamente a felicidade publica. Estes espiritos simples fôram os verdadeiros antecessores do nosso actual republicano por principio, o qual, como se vê, podendo não ser tão detestavel como o republicano pelo estomago ou o republicano pelo figado, nem por isso deixa d'abonar-se n'um preconceito politico dos mais ingenuos, inconsistentes e pueris.

Em face porém das decepcionantes lições da experiencia republicana na Europa, imaginou-se encontrar para o problema das fórmas de governo uma solução eclectica, que com um pouco de boa-vontade poderia passar como inspirada no constitucionalismo inglez, e que era a que se traduzia pelo aphorismo de Thiers.

Visto que a existencia d'um poder fixo, de transmissão hereditaria, se mostrava util como correcção aos excessos e incongruencias a que conduzem os regimens exclusivamente electivos, conservar-se-ia a realza; mas visto que os abusos do poder real haviam determinado o descredito do absolutismo, reduziam-se a quasi nada as facultades e attribuições do Rei. Este *reinava, mas não governava*.

Não viram os inventores de tal systema o que havia d'aberrativo n'este insubsistente artificio, pelo qual se cuidava poder crear na constituição politica um *orgão sem funcção*; nem viram que aquillo que contém de superior e de benefico o governo monarchico é exactamente essa *funcção efectiva* da magistratura regia na vida do Estado, não o méro facto da existencia d'um cargo decorativo e anodyno, cujo titular se chama Rei. Por isso mesmo, e porque na politica as realidades levam de roldão todas as abstractas e mais ou menos engenhosas combinações dos theoreticos, nunca houve Monarcha digno d'este nome que não tomasse parte d'uma maneira activa no governo do seu paiz—não, evidentemente, para se oppôr á vontade popular, legitimamente representada, mas ao contrario, para collaborar com ella servindo eficaz e diligentemente os in-

teresses nacionaes, n'aquillo que é da sua jurisdicção.

Precisamente por causa do caracter vitalicio da sua magistratura, o Rei encontra-se naturalmente destinado a ser o depositario e, mais do que isso, o defensor dos principios e tradições da politica nacional, tanto interna como externa, no que ella possa ter de fundamental, e de alheio ás divergencias dos partidos e aos seus programmas particu-

lares; é elle quem, unico elemento estavel do governo no movediço mar da politica tal como a fazem os modernos regimens eleitoraes, se encontra em condições de promover e assegurar a continuidade da obra dos estadistas atravez dos variados incessantes incidentes da vida publica. Por outro lado, a hereditariedade acaba por fixar essas tradições politicas em tradições dynas-

licas—do que é exemplo frisantissimo a constante politica externa da casa de Bragança—e por dar aos Reis aptidões innatas de dirigentes e d'administradores, que seria insensato desaproveitar.

Em que pese a certos sabiosecos de meia-tijella anciosos por o serem de tijella cheia, a observação dos factos demonstra—e ainda recentemente um illustre professor portuguez o pôz em relevo—que a média da intelligencia e da competencia politica e administrativa nas pessoas das familias reaes é consideravelmente superior á média d'essas mesmas facultades na população europeia. Uma rapida rememoração dos nomes e da biographia da maior parte dos Monarchas europeus dos ultimos tempos bastaria para tornar patente, não só o papel activo que elles teem desempe-

sem o concurso da intelligencia, da iniciativa e do tacto politico dos seus ultimos soberanos, cuja obra é conhecida e notoria.

Tudo isto dá á personalidade do Rei moderno—quando elle verdadeiramente quer ser, como o Senhor D. Manuel II, *Rei do seu tempo*—um caracter novo, muito particular, muito interessante e sempre, como é de suppôr, inteiramente diverso do que as chronicas, as tradições e as lendas attribuem, provavelmente com uma exactidão apenas mais ou menos approximada, ao soberano absoluto d'antigas eras.

O Tyranno que a commoda e esbaforida eloquencia dos tribunos demagogicos se obstina em representar ainda, segundo as velhas fórmulas, entregue nos recessos mysteriosos do seu paço ás mais negras machinações contra o Terceiro Estado, é por via de regra, n'estes tempos de democratismo, um Principe d'habititos simples, empenhado e interessado mais do que ninguem em servir as geraes aspirações e necessidades do seu paiz, desde que a realza deixou de representar um poder isolado, dotado de vida autonoma, carecendo de submeter os restantes para não ser subjugado por elles, e passou pelo contrario a exercer no Estado uma funcção correlacionada ás dos outros orgãos de governo.

Veremos adeante em que pensava e de que tratava El-Rei D. Manuel II, no fecundo recolhimento do seu gabinete d'estudo, ao tempo em que uma turba-multa d'ineptos e d'energumenos, preparando a calamidade nacional que soffremos n'este momento, se entretinha a ludibriar o seu publico com as promessas mais absurdas e as concepções mais idiotas—tudo isto sem deixar de frisar, n'um tom grave, adutorado e por isso mesmo infinitamente comico, a *inexperiencia*, a *infantilidade*, a *falta de preparação* do Monarcha que era já então, como o leitor vae poder verificar, um homem de governo de superiores facultades e de penetrantes intuições, e que d'este officio sabia mais a dormir do que sabem, acordados, todos os «estadistas» da Republica.

Hoje, com aquella grave e discreta serenidade que é uma das suas forças,—muito intelligente e muito culto para suppôr viavel e duradoira a Republica, excessivamente homem d'espirito para a poder tomar a serio a não ser pelos males temerosos que acarreta á nação, pelos soffrimentos que inflige aos portuguezes em geral e especialmente aos mais devotados monarchicos—o Senhor D. Manuel continua calma e regularmente trabalhando na sua profissão de Rei, e em cada hora mais apto a reger notavelmente o seu paiz—como aquelle general atheniense que votado uma vez ao ostracismo, cem dias e cem noites não largou o capacete e o escudo, e sobre a estrangeira praia lacedemonia, figurando na areia problemas estrategicos, esperou imperturbavel a tirreme veleira, que a patria acabou por lhe mandar para o repôr á frente dos exercitos...

Esta segura confiança do Soberano no termo breve da funesta e, aliás, já virtualmente fallida aventura republi-



nhado no governo dos seus paizes, mas ainda como essa acção do poder real se exerceu da maneira mais benefica para os respectivos povos;—podendo-se afoitamente assegurar, por exemplo, que nem a Inglaterra, nem a Alemanha, nem a Italia, nem a Hespanha, nem a Belgica, nem, mais recentemente, a Bulgaria, desfructariam as vantagens da sua actual situação interna e externa,

cana — que passou em Portugal com todos os accidentes e perturbações características d'uma doença aguda e portanto ephemera — é mesmo uma das mais interessantes impressões que immediatamente recebem todos que se acercam do Senhor D. Manuel. E não é preciso que S. M. nos queira incutir essa impressão d'uma forma expressa e propositada: ella resulta natural e simplesmente do tom da conversa, d'um tour de phrase, d'uma palavra soltada do modo mais espontaneo e desprevenido.

De cada vez que os nossos picarescos «homens d'Estado» actuaes perpetram no Terreiro do Paço mais uma tolice assignalada e cheia de consequencias, onde ella se sente primeiro não é no paiz, é em Richmond: «*Como havemos nós de remediar isto? Como ha de a Monarchia valer a esta situação, evitar aquelle effeito, conjurar taes e taes perigos?*...» E estes provisórios e frustes governantes republicanos nem imaginam as atribulações que os seus despautérios mais sensíveis vão determinar no espirito do moço R., que, representante legitimo do paiz, e sabendo-se destinado a reassumir mais dia menos dia as funções da sua magistratura suprema, vê por isso mesmo apprehensivo, em cada novo erro e em cada novo dislate do anormal periodo que atravessamos, mais um problema e mais uma preocupação, a ajuntar ás muitas que hão de asoberbar amanhã a actividade dos dirigentes monarchicos.

Por isso tambem, nada mais curioso, e ao mesmo tempo mais intelligente e mais patriótico, do que o trabalho methodico e continuado a que S. M. se entrega como a um dever profissional, seja no estudo attento e pormenorizado da vida politica, economica e social d'aquelle grande povo, que é tão proprio para formar e elucidar governantes, seja no tranquillo remanso da sua residencia d'Abercorn, recolhida para dentro d'uma cerca silenciosa, e debaixo de cujo tecto o Senhor D. Manuel II leva ha dois annos aquella vida simples, patriarchal e laboriosa de fidalgo rural e letrado, que sempre tanto amaram os Príncipes da sua casa.

Eu chamaria de bom-grado um laboratorio — o *laboratorio dos contra-venenos* — a sala rectangular onde recentemente, ao ter a honra de ser recebido por El-Rei, pude avistar entre agrupamentos de livros, largos cadernos de papel, cheios de documentos, de calculos, de relatorios, d'annotações, como *dossiers* de repartição, e que representam o resultado d'uma assidua collaboração do Senhor D. Manuel com estadistas e com homens technicos nacionaes e estrangeiros, antes e depois dos successos de 1910, tendo em vista o exame de muitas questões de politica e d'administração em Portugal, desde as mais geraes e instantes até outras que se referem a assumptos d'interesse especial d'uma região, d'uma industria ou d'um determinado ramo dos serviços publicos.

Possuidor d'uma d'essas raras energias calmas e reflexivas de que os espiritos superficiaes não se apercebem e que aos olhos de muitos passam mesmo por lentidão, mas que operam prodigios, e que são sempre as mais productivas, o Senhor D. Manuel, sem os irreflectidos arrebatamentos d'um impulsivo mas tambem sem os accessos d'esteril pessimismo que lhes são correspondentes, tem desde o dia 5 d'outubro de 1910 a certeza de que ha de voltar a ser effectivamente Rei de Portugal; e desde que desembarcou em Inglaterra este joven Principe, que momentaneamente liberto das obrigações officiaes da realza poderia querer desfructar d'animo leve os encantos da sua mocidade e a proeminencia do seu *rang*, ainda não teve a bem dizer outras occupações senão aquellas mesmas que o prendiam horas e horas no Paço das Necessidades, estudando as questões publicas do seu Paiz.

No seu exilio de Richmond, o Se-

nhor D. Manuel II continua sendo o mais fiel, mais sobrecarregado e laborioso funcionario do paiz. Isto faz honra ao mesmo tempo ao seu patriotismo, á sua inflexivel força de vontade — e á sua clarividencia politica.

ECHOS

Denuncias

Não desistiu a Companhia dos Phosphoros de dar alento e protecção á tendencia denunciadora de que tem dado provas a sociedade portugueza desde que, redemptor e luminoso, se implantou em terras lusitanas o regimen republicano. Muito pelo contrario, até os seus annuncios promettendo premios... e discricção a quem lhe denuncie os contra-ventores dos artigos do seu contracto com o Estado, se tem multiplicado por essa imprensa fóra, em termos de se não poder abrir gazeta em que se não depare logo com o famoso convite á denuncia reles.

Nunca tivemos a ingenuidade de suppôr que a nossa quasi supplica para que a Companhia não viesse com os seus annuncios mais apressar ainda a fallencia repugnante de uma sociedade, já tão aviltada, fosse attendida, e não nos surpreendeu, pois, que tal não succedesse.

Mas isso não impede que novamente accentuemos quanto é deploravel que todos estejam concorrendo para que mais se rebaixe e mais se deprima um povo que entre as suas antigas boas qualidades tinha a de possuir uma invencivel repugnancia pela espionagem e pela denuncia.

Já aqui por duas ou tres vezes fizemos referencia detalhada, e sem que nos nossos illustres collegas do Sagrado Tribunal da Imprensa encontrassemos o menor echo, á vergonha apurada em dois julgamentos de espionagem exercida por um capitão de infantaria e á denuncia feita por um conhecido medico, ambos estes casos singularmente aggravados por circunstancias varias.

Costuma-se dizer muitas vezes na imprensa portugueza que as faltas que se vão succedendo são *signaes dos tempos* e indicadores de que os fados se hão-de cumprir.

Signal dos tempos é tambem, não apenas a transformação em pifios denunciadores, de officiaes e de pessoas pertencentes ás classes cultas, mas ainda, e talvez muito principalmente, á indifferença com que a imprensa de todas as côres politicas assiste a taes factos, que pela sua vez constituem indicador seguro de que os fados hão-de cumprir-se. Os quaes fados veem a ser o virem todos a chafurdar na lama que hoje os salpica apenas, mas que amanhã os cobrirá dos pés á cabeça... como em devido tempo se verá, porque já o outro dizia modificando o proverbio *quem boa cama fizer, n'ella se deitará*, que quem a lama não sacudir, enlameado ficará.

O qual outro era nem mais nem menos que o nosso amigo Banana.

Contra a imprensa

Queixam-se alguns jornaes da perseguição contra a imprensa e nós proprios protestamos já contra violencias de que foram victimas algumas folhas que desassombadamente estavam mostrando ao paiz o que eram o regimen que nos governa e os homens que o defendem.

Mas em boa verdade o facto é que os tempos vão de molde a que basta para a propaganda contra a Republica que se publiquem os jornaes retintamente republicanos.

A imprensa adversa ao regimen nunca soube, felizmente, usar dos processos de que usa a imprensa republicana, nem nas suas campanhas se foi jamais tão violento e tão vivo, como são habitualmente as gazetas defensoras do regimen.

Ora desde que estas estão dizendo umas ás outras e a respeito dos republicanos pertencentes aos partidos contrarios as mais amargas e cruas verdades e fazendo revelações que a imprensa adversa ao regimen, por um natural escrupulo de processos jámais seria capaz de trazer a publico, evidente é que a supressão dos jornaes catholicos e monarchicos não é cousa que grandemente prejudique a campanha contra o regimen, pois a sua falta é vantajosamente supprida... pelos proprios jornaes republicanos.

Edizemos *vantajosamente*, porque sósnhos em campo os jornaes republicanos mais á vontade se sentem para vomitarem uns contra os outros todas aquellas verdades que o paiz pensa a respeito dos homens do regimen, mas que os jornaes monarchicos, por uma questão de educação, teriam escrupulos em publicar.

Um exemplo recente dá a justa demonstração do que dizemos.

O sr. Theophilo Braga desabafou ha dias contra a diplomacia republicana, e avistando-se com um redactor do nosso illustre collega *Dia*, a elle disse taes cousas de um dos nossos famosos diplomatas, que aquelle jornal entendeu, e em nossa opinião entendeu muito bem, que não devia trazer para publi-

co o que n'esse ponto ouvira, tão escabrosas e tão graves se lhe afiguraram as palavras do primeiro presidente da Republica Portugueza.

Ora estivesse supprido o *Dia*, tivesse já desaparecido a *Nação*, tivesse o nosso modesto semanario cahido já ao golpe tremendo d'uma supressão e tivessem sido suspensos todos os jornaes adversos ao regimen, e o sr. Theophilo Braga, que não tem figado para supportar sem prompto allivio grandes carregações de bilis, teria ido desabafar no seio de algum jornalista republicano, o qual, fulto de escrupulos como todos os jornalistas do regimen, se apressaria a contar tim-tim por tim-tim tudo quanto lhe tivesse dito o famoso pensador, por mais escabrosas e por mais escandalosas que tivessem sido as suas revelações.

Esteve com sorte o diplomata de quem o sr. Theophilo Braga disse taes cousas, que o *Dia* entendeu, — e repetimos que muito bem, — que lhe não permittia a sua educação nem lhe permittiam os seus processos jornalisticos fazer se echo do que ouvira.

E' provavel porém que algum jornal republicano se encontre para mais tarde ou mais cedo trazer para publico as revelações feitas pelo sr. Theophilo a respeito de um diploma, ta da Republica, dando a esta mais um golpe que o *Dia* muito bem fez em não vibrar como nós o fariamos tambem, porque ainda continuamos na opinião de que mais vale poupar um adversario do que, para o derrubar, se ir patinhar na lama em que chafurda, sem excepções, a imprensa republicana.

Ora, concluindo a glosa do mote apresentado, afigura-se-nos não ser disparatada a opinião do que não constitue grande prejuizo para a lucta contra a Republica o desaparecimento de todos nós, jornaes monarchicos, da arena em que, a chapadas de lama, se degladiam todos esses heroes da Republica, heroes de lama feitos e na lama vivendo.

Ahi! valente!

O sr. conselheiro Antonio José d'Almeida declarou em Bragança, onde o governador civil lhe fez uma partida qualquer, *que jámais fará perseguições, jámais se vingará, mas que garante alli que ha-de desforçar-se, com energia e vigor, de todas as offensas que lhe façam.*

Deixe-se d'isso, Antonio José... Para uma pessoa se desforçar, com ou sem energia e vigor, é preciso ser-se mais alguma cousa do que um simples paparrêta.

Bem o sabe, Antonio José, e a prova é que só falla em desforçar-se... no futuro, como aquelles negociantes que põem a taboleta de que *hoje não se fia*, amanhã sim.

Deixe-se pois de ameaças ridiculas, e continue a engulir as offensas como até agora, enquanto tiver estomago para isso.

E quando o não tiver retire-se para um convento que ninguem lá irá ter comsigo... descanse.

Primeiro logar

Disse o sr. Freitas Ribeiro, ministro e secretario dos negocios de Ambaca, no formoso discurso que pronunciou na patuscada do Collyseu da Rua Nova da Palma, em honra dos batalhões voluntarios, que *em caso de guerra a marinha e o exercito teriam o primeiro logar.*

O caso ao que parece é tão estranho que o sr. Freitas Ribeiro entendeu dever accentuar-o.

Fez bem.

Carbonaria, a Terrivel

Não fazem mal as musas aos doutores, disse alguém, e que não fez mal a prudencia aos carbonarios, dirêmos nós, recordando o que ha tempos para ahi se contou do sr. Luz Almeida, chefe da carbonaria, luz baça e tremula nas festas e luz viva e scintillante nas epistolas, e vendo o que no *Diario de Noticias* se conta d'um carbonario terrivel que em Evora dirige um jornal terrivelmente chamado *O Carbonario*.

Foi o caso que o terrivel carbonario em questão vinha agredindo violentamente na gazeta o sr. Manuel Antonio Braz e em termos taes que o sr. Braz entendeu a certa altura que a melhor resposta aos aggravos seria aquella que elle escrevesse a cavallo marinho nas costas carbonarias do carbonario director do *Carbonario*.

N'esse intuito se dirigiu com a fustigante penna na mão para a porta da Agencia do Banco de Portugal d'aquelle cidade, onde o terrivel carbonario é empregado, e do que em seguida se passou interessante conta dá o *Diario de Noticias* nas seguintes linhas:

«Não fazendo segredo, o sr. Bráz, do premeditado acto, ia-o dizendo a vários que se aglomeravam á porta e cercanias da «Brasserie», para desfrutar a scena.

«O sr. Silvestre Baptista, colega do sr. Aguilár, no intuito de evitar qualquer consequencia funesta, preveniu-o de que qualquer coisa de anormal se passaria, ao que o sr. Aguilár não prestou atenção.

«Passando o sr. Aguilár por deante do sr. Bráz, este empunhando um numero do *Carbonario*, tendo internamente qualquer coi-

sa mal cheirosa, esfregou-lhe a cara, arguindo-o do ultrage que lhe tinha feito.

«Graças á passividade do sr. Aguilár, não se dêram scenas mais desagradaveis, limitando-se este cidadão a limpar o rosto e a asseverar que a responsabilidade de tal «suelto» lhe não pertencia, mas si ao sr. Agripino de Oliveira.

«O caso tem sido largamente comentado por toda a cidade, esperando-se, a todo o momento, scenas mais interessantes, para que seria bom que a autoridade olhasse e lhes puzesse cõbro.»

Não percebemos bem para que quer o *Diario de Noticias* que a auctoridade ponha cobro ás interessantes scenas que, d'aquelle genero, se passam por Evora.

Em nossa opinião entendemos muito pelo contrario que devem deixar que as scenas se repitam e quanto mais vezes melhor.

Afigura-se-nos que para muita gente ainda não está sufficientemente esclarecida a situação actual da sociedade portugueza.

Ha talvez ainda quem por esse paiz julgue que carbonarios são creaturas phantasticas, tendo um poder immenso de destruição.

Não faz mal que se vá mostrando com exemplos como o do sr. Luz de vela de cõbo e o do sr. Aguilár, que são uns pobres e prudentes cidadãos todos esses famosos carbonarios perante os quaes, tremulo, se acocora o paiz inteiro e que já por vezes tem contido no fundo dos quartéis alguns regimentos do audaz exercito luso.

A Entrevista com El-Rei

Sahiu com bastantes erros a entrevista com El-Rei que no ultimo numero publicamos e houve n'ella, além de ligeiras alterações de titulos sem importancia de maior, dois saltos de composição typographica que se torna necessario reparar, porque d'um d'elles resulta a omissão de informações necessarias e do outro resulta o não apparecimento de uma referencia justissima por El-Rei feita á sr.^a D. Constança Telles da Gama, a nobilissima senhora ha pouco absolvida no tribunal marcial de Lisboa.

Do primeiro salto de composição resultou não serem os nossos leitores informados pelas palavras com que precediamos a entrevista de que ella não só constituia uma transcripção, como tambem e que nos reservavamos para publicar, n'um dos proximos numeros, as palavras com que Annibal Soares traçava magistralmente a figura moral e politica de El-Rei D. Manuel.

As palavras taes como as escreveramos são as seguintes:

«Annibal Soares, o brilhante jornalista que tão poderosamente afirmou o seu notabilissimo talento nas columnas do *Diario Ilustrado* e do *Correio da Manhã*, e que hoje no exilio, mantendo a nobreza do seu caracter não deixa de mostrar aos ingenuos a senda que, vae para tres annos, vimos percorrendo, teve uma interessantissima entrevista com El-Rei D. Manuel, entrevista que com a devida venia transcrevemos, reservando para um dos proximos numeros a transcripção dos periodos em que Annibal Soares traça magistralmente a figura moral e politica de El-Rei D. Manuel. Com verdadeiro prazer transcrevemos essa entrevista que, honrando as nossas columnas, representa — assim o crêmos — uma alegria para aquelles que nos lêrem.»

Como se vê pela parte que sublinhamos não foi pequeno o salto da composição, que assim privou os nossos leitores do conhecimento de que em breve transcreveriamos a primeira parte da entrevista, o que não faziamos no nosso numero de então por desejarmos acompanhar a transcripção d'esses periodos com a publicação do mais recente retrato de El-Rei.

Com estas rectificações fica completo o que escrevemos acerca da transcripção que faziamos e o que, áparte o prologo como dissemos, transcrevemos da interessantissima entrevista que publicou Annibal Soares.

O Retrato do Principe Real

D. Luiz Filipe

publicado no nosso numero do dia 1 de Fevereiro, acaba de ser esplendidamente reproduzido em bilhetes postaes, edição de

João Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72

PORTO

Cada postal 50 reis

Desconto aos revendedores

A Reabilitação Financeira d'um Paiz

Entrevista com Eduardo Lupi

Na noite immediata as mesmas paredes ouviram as mesmas vozes da vespera.

Com tremores de emoção e o calor de quem descobriu uma grande verdade, ouviu-se uma voz patriótica declamar:

— Pensei maduramente, meu caro Lupi, em tudo quanto hontem nos disse, e devo dizer-lhe que, sem deixar de apreciar a boa administração, para mim a que-tão financeira... (e parou a vêr se todos estavam attentos, não fosse perder-se alguma gottá preciosa do seu elixir) para mim, a questão financeira está intimamente ligada á agricultura!

— Apoiadissimo! gritou um proprietario do Douro.

— E o commercio? esquece V. Ex.^a o commercio? reclamou outro, socio d'uma casa commercial.

— Não olhem pela industria e verão o tombo que levam! resmoneou um industrial.

— Já cá me tardava essa! lamentou-se a voz patriótica. O commercio, a industria, tudo anda intimamente ligado á agricultura. Eu tenho-me occupado de questões sociaes! oh! se os senhores soubessem como eu tenho trabalhado, estudado, profundado! Sou um agricultor, não sou? Pois bem, a sorte do proletariado preocupa-me de dia e de noite. Não, o proletariado rural apenas, mas o proletariado todo, o grande exercito dos trabalhadores, que é cá o meu exercito!

— Vá por ahí que vae bem! exclamou ironicamente o industrial. Melhor tivesse estudado as pautas, o senhor e todo o povo portuguez. Devia ensinar-se ás creanças, nas escolas primarias, o proteccionismo, a sagrada causa da industria... e do commercio! Mas não, senhor; tem a mania de que Portugal é um paiz essencialmente agricola!...

— Não é mania: é que é!... a industria...

— Mas...

— Não me interrompa. Já sabe que detesto interrupções. A industria e o commercio representam uma grande força, duas grandes forças, mas olhem que eu tambem tenho atraz de mim uma grande força, seculos de tradição! Sou a Agricultura, sou a terra natal, sou a Patria. É a prova de que sou a Patria é que eu estou mal, está mal a Patria.

— Está pessima! concordaram todos, satisfeitos em fim de terem encontrado um ensejo ao seu displicente azedume.

— Aquillo vae de garra! disse um.

— Só um pulso de ferro! — asseverou outro.

— E onde está esse pulso, onde está o Messias? Porque aquillo vae mal, que não pôde ir peor, é um facto, não acha sr. Lupi?

Eduardo Lupi, meio abstracto, com o olhar na chama do fogão de sala, disse:

— «Tinha-se abusado do credito publico. A incessante emissão de titulos da divida publica havia tido o fatal effeito de gradualmente nos desacreditar. Quando nos foi confiado o poder, logo limitamos as despezas publicas e restringimos o expediente do recurso ao credito, abolindo-o por completo pouco depois. Regularisamos efficazmente a circulação fiduciaria. Limpamos a carteira commercial do Banco emissor dos valores duvidosos que n'ella existiam e, ao mesmo tempo que augmentavamos consideravelmente as reservas auríferas, disciplinavamos a emissão de notas com uma severidade verdadeiramente britannica. E como as classes produtoras e laboriosas seguiram o exemplo dado pelo Estado, pondo-se tambem a economisar, tanto a fortuna particular como as finanças publicas, sob a protecção de um orçamento sem deficit, começaram a florescer gradualmente. Que tempos passados, enquanto prevalecera uma lassa administração financeira, o curso forçado da moeda, só desapparecia na apparencia, sob o artificio dos empréstimos, mas para voltar a breve trecho e com elle o elevado premio do ouro. A severidade do systema financeiro que adoptamos, ligada ao preceito de se não contrahirem novas dividas, não só consolidarem o equilibrio do orçamento mas, mais do que isso, resultaram na accumulção, durante dez annos, de uma serie de saldos positivos. Ao mesmo tempo que isto se dava, subia, naturalmente e sem o emprego de quaesquer artificios, a cotação das inscrições — até ao ponto de exceder a paridade.

«Desappareceu o agio e ha bastantes annos já que as nossas notas bancarias, a despeito de não serem pagaveis em ouro, valem mais do que as da Allemanha, da França e da propria Inglaterra, onde, como é sabido, todas são convertiveis n'esse metal; este facto, na apparencia paradoxal, é devido á circumstancia de o cambio estrangeiro se conservar constantemente em favor do nosso paiz.»

Os circumstantes olhavam assombrados Eduardo Lupi. Um commentou ao ouvido do que estava ao lado:

— Se não soubesse que era o Lupi, havia de dizer que era republicano! Pelo falar...

O outro, muito intrigado, fez-lhe signal que queria ouvir.

E Eduardo Lupi continuava lenta, serenamente:

«O «affidavit» para a divida externa foi abolido e em consequencia d'esta acertada medida de politica financeira, conseguimos converter essa divida da taxa de juro de 4% á de 3³/₄%, a qual, cinco annos mais tarde, ainda pudémos reduzir a 3¹/₂ por cento; e fez-se isto continuando os titulos acima de par, conservando-se o cambio em favor do paiz, florescendo a agricultura e as industrias, augmentando de anno para anno as fontes de receita do thesouro. Realizada a conversão, por completo sustado o expediente de novas emissões, o pé de meia nacional começou a absorver a divida collocada no estrangeiro e, gradualmente, até a França onde muita d'ella se achava, vendeu por elevado preço os titulos que havia comprado por baixas cotações. Esses titulos foram adquiridos, com o caracter de capitalisação permanente, por milhares de concidadãos da classe média que não especulam e que tem fé na solidez da situação do Estado. Devido ao universal encarecimento das substancias alimenticias, a industria agricola tornou-se muito remuneradora e o seu desenvolvimento contribue em grande parte para o crescente bem-estar dos trabalhadores ruraes e dos proprietarios de terras, classes predominantes na vida economica da nação.»

— Está completamente doido! segredou-nos um dos mais inquietos.

Eduardo Lupi, percebendo perfeitamente a impressão que estava causando, proseguiu indifferente, e como que absorto n'uma visão.

— «Acho-nos agora com um orçamento solidamente estabelecido e com importantes saldos annuaes com os quaes temos resgatado as dividas do thesouro representativas dos deficits anteriores. O ministro da Fazenda está, de facto, pondo dinheiro ao canto da gaveta e acha-se em situação de poder capitalisar as suas proprias economias! A gente que no estrangeiro nos quer mal, clama, ironicamente, que estes resultados são milagrosos. Não ha milagres em materia de finanças; a situação actual deriva do acerto com que havemos procedido e do grande cuidado com que, nos ultimos vinte annos, os nossos estadistas tem gerido os dinheiros publicos.»

— Mas, ó sr. Eduardo Lupi — rompeu o commerciante, com pretensões a financeiro — V. Ex.^a está convencido do que acaba de dizer?...

— Convencido estará, mas a mim é que elle não convence! declarou, peremptorio, o industrial.

O agricultor, de queixo pousado na mão em forquilha, fixava Eduardo Lupi, com o vago sorriso de quem é inacessivel a lições.

Mas Eduardo Lupi explicou então:

— Não estou doido, não, senhores. Os perigos que ouviram não foram ditados na allucinação d'um sonho de reconstrução da nacionalidade portugueza. R ferem-se á Italia e li-os n'um recente estudo firmado pelo grande estadista Luigi Suzzatti.

— Cante-me d'essas! exclamou o commerciante.

— Ah! agora, sim! concedeu o industrial.

— O Suzzatti? (quiz confirmar-se o agricultor) — Bem sei. E' o meu mestre! Elle ouve-me muito, temos trocado impressões sobre a doença financeira portugueza.

Eduardo Lupi exprimiu, então as conclusões:

— Ponto por ponto representam elles tambem o objectivo concreto e comprehendem o programma definido d'aquelles que, certos da restauração da monarchia em Portugal, se preparam com afinado estudo para trabalhar pelo resurgimento do paiz.

— É que é fazenda da mesma peça! affirmou o commerciante.

— Póde bem exortar-se na nossa vinha! opinou o agricultor.

— E' o mesmo risco! declarou o industrial. Fechada a valvula das exclamações necessarias á pressão peninsular, Lupi retomou as suas considerações fleugmaticamente:

— Está por instantes a soar, sentimol-todos, a hora de se metter hombros á tarefa d'esse resurgimento. E' grande a obra, sem duvida, perfeitamente exequível em Portugal como o foi na Italia: bastará, mas será indispensavel, conduzi-la nas linhas geraes tão magistralmente traçadas agora em golpe de vista retrospectivo por Suzzatti e as quaes, para não empanarmos o seu brilho, nada ajuntaremos — hoje. A phase de obsessão doutrinarria na politica, pela qual as mentalidades dirigentes nacionaes se haviam transviado durante a primeira maneira do constitucionalismo, demorou-a até agora. Mas essa phase passou, alfim — para não mais voltar, seguramente. Só escabujam n'ella, ainda, em ultimos assomos de vandalica destruição,

meia duzia de energumenes inteiramente divorciados do paiz o qual já tirou de duras experiencias o ensinamento que ha de guial-o na estrada larga da sua futura e proxima reconstrução.

— Apoiado! gritaram os tres sentenciosos.

O agricultor ergueu os braços, de mãos espalmadas, como se fosse cortar as ondas d'um mar encapellado, e, assegurado o silencio, disse com um ar entre de mentor e de apostolo, possuido de parabolias ineditas e sublimes:

— O momento é gravissimo, meus senhores! gravissimo! não lhes posso dizer mais nada! (E repetiu, compungido) gravissimo! E' preciso reflectir, methodisar, disciplinar, para, então, traçar um plano.

— Tem o meu voto essas palavras!

— E o meu! exclamaram o commerciante e o industrial.

— Hoje é tarde — lembrou o agricultor —, reuniremos outro dia, e já que ninguem trabalha façamos nós o plano!

E, com a satisfação nacional de terem alguma coisa que adiar, separaram-se consciões de que haviam trabalhado muito pela felicidade da Patria, sem mais pensarem na exposição de Eduardo Lupi. Suppondo que haja ou venha a haver alguém que pense n'estas coisas, sérias, nós resolvemos dar-lhes publicidade n'esta entrevista.

Joaquim Leitão.

FALLENCIA

O Temps occupava-se ha pouco d'uma obra de Fabian Ware, antigo redactor principal do Morning Post, um dos mais conhecidos collaboradores de Milner na Africa Austral e como tal defensor notorio da ideia imperialista. Essa obra é afinal um commentario da conhecida phrase do liberal Sir Charles Dilke — *Parliamentarism is a failure* — O Parlamentarismo falliu. Quando elle a pronunciava, é certo que poderia ainda parecer paradoxal: hoje é quasi um logar commum.

Vae-se successivamente notando o declinar das ideias dentro das quaes viveu o seculo XIX; liberalismo, parlamentarismo não estão só em decadencia nos diversos estados do Velho Mundo que foram buscar á Gran Bretanha essa panacea contra o absolutismo como contra as Revoluções. E' da propria madre, é do Reino Unido, que hoje provém em grande parte o seu descredito, e não é essa constatação uma das menos curiosas da obra de Ware.

Ha, de facto, um estranho mal-estar no pensar britanico contemporaneo. As grèves geraes á moda franceza succedem-se com ameçadora frequencia. As massas operarias, até agora disciplinadas e racionadas, atiram-se para a acção directa. O operariado perdeu a confiança nos antigos methodos do trade-unionismo. Muito menos espera do Parlamento remedio algum aos seus males. Não querem já dar ouvidos aos chefes quando estes recommendam a observação dos contractos, e assim as grèves recentes foram quasi sempre conflagrações espontaneas e geraes, muito mais perigosas até do que em França, porque o operariado britanico, com o genio innato da associação, tem ao serviço dos processos revolucionarios uma força singularmente maior do que aquella de que dispõem os meneurs da Confederação Geral do Trabalho.

O que póde contra este inimigo a machina parlamentar? Ella tornou-se especialmente odiosa, porque não soube até hoje supprimir um só dos males de que soffre o operariado, apesar das constantes promessas dos seus representantes, não tomando qualquer resolução, nem chegando ao voto senão sob a pressão immediata e brutal dos acontecimentos, conjurando as crises com remedios d'ocasião, impotentes em entrar no caminho das resoluções positivas.

Ha quem sustente que o perigo é transitorio, que traduz apenas um mal-estar economico proveniente do encarecimento da vida em todos os paizes civilizados. E assim o vasto campo das reformas economicas permitiria naturalmente achar o meio de trazer a massa

operaria a um sentimento mais equitativo. Mas nós não queremos hoje seguir pela analyse d'estes processos. Tiramos apenas o facto positivo do descredito do regimen parlamentar, na Gran Bretanha de Taine, digamos assim para melhor definir o nosso pensamento.

A um tal regimen se chamou, precisamente na escola a que acabamos de fazer referencia, *regimen representativo*. Ora, a nosso vêr, a crise provém sobretudo, e fallamos está claro dos paizes latinos principalmente, de elle não *representar* de facto coisa alguma.

O Parlamento não representa interesses, nem sociaes, nem industriaes, nem nacionaes; representa interesses materiaes de agrupamentos politicos, collecção de interesses individuaes, fundamentados em opiniões individuaes tambem.

Como se chegou a isto? Pela consequencia natural dos principios revolucionarios em que nos paizes latinos se assentou o direito publico. E podemos até resumir a nossa maneira de pensar dizendo que os males de que soffre o regimen moderno provém apenas do errado conceito que a Revolução deu á *Liberdade*.

E' bem conhecida a phrase de Ruskin ácerca do lemma famoso, Liberdade, Egualdade e Fraternidade: *I detest the one, and deny the others*. Detesto a primeira e nego as outras. E sentimos não ter aqui a sua *Crown of wild oloes* para ir traduzir o commentario que elle faz á palavra Liberdade, dando como typo do que é uma existencia totalmente *livre* e portanto nociva mais ainda do que inutil, a da mosca varejeira. Não queremos por isto ser erradamente acoiados de inimigos da liberdade, quando verdadeira, d'esse prestantissimo bem natural, como a definiu uma Enciclica celebre; em muito mais prezamos porém ser *livres* do que havidos por liberal.

O que é certo é que quando Condorcet redigia o celebre artigo da Declaração dos Direitos do Homem: todos os homens nascem e são livres e eguaes entre si, traduzia n'esse conceito uma das afirmações mais contrarias á verdade da natureza que tem apparecido escriptas.

Já o velho proloquio popular o dizia: «cada um é como Deus o fez». Os constructores da Revolução não o quizeram assim, verdadeiro e real. Imaginaram um ser abstracto, irreal, o *individuo*, e sobre elle carregaram uma serie de theorias que a razão humana regeita.

Mas a Revolução teve em especial ao seu serviço homens peritos na arte de confeccionar a opinião publica, utilizando com rara habilidade palavras sonoras, quasi fatidicas, sem significação precisa, prestando se a todas as interpretações, podendo empregar-se sempre e a proposito de tudo. Não se affirmou no outro dia em publico que o regimen que hoje se soffre em Portugal é o mais livre politica e socialmente? E' porque essas palavras correspondem sempre a uma porção d'ideal que cada um tem em si; representam a fórmula pela qual cada um traduz esse ideal e se agarra a elle, ás vezes com tanto maior tenacidade quanto mais o vê fugir-lhe. Para os chefes, para os *meneurs*, sobretudo em frente ás massas pouco illustradas que constituem o exercito da demagogia, essas palavras representam um engodo, cujo sabor é completamente outro. Com elles póde ir-se muito longe, não só porque atraz d'uma vem outra formando uma serie que se prende como os aneis d'uma cadeia, liberdade, progresso, democracia, etc., mas sobretudo porque o sentido que ellas têm para quem as emprega é quasi sempre o contrario do que o julga quem as ouve.

Não ha duvida, repetimos, de que os males da epoca presente provém em principio do errado conceito da liberdade. «Fixada uma vez no espirito esta ideia, de que ninguem tem auctoridade sobre outrem, a causa efficiente da sociedade civil deve ser procurada não

n'um principio exterior e superior ao homem, mas na livre vontade de cada qual; o poder publico emana pois da multidão como sua origem primeira. Além d'isto, o que a razão individual é para o individuo, a razão collectiva deve sel-o na collectividade dos negocios publicos, e assim o poder pertencerá ao numero e as maiorias crearão a um tempo os direitos e os deveres.» (Encycl. *Libertas*).

E, continua ainda o mesmo Augusto Doutor: «Por um lado os partidarios do liberalismo, arrogam-se a si proprios e ao Estado uma licença tal, que não ha opinião tão perversa a que não abram passagem, suscitando por outro lado á Egreja obstaculo sobre obstaculo, apertando a sua liberdade nos limites mais estreitos... Attribuindo a um tempo ao Estado um poder despotico e sem limites, proclamam não haver conta alguma em que ter Deus na vida diaria, não querem reconhecer a liberdade honesta de que fallamos, e tudo o que se faz para a conservar é tomado como damno e attentado contra o Estado.»

Sublinhamos esta phrase, pois n'ella propheticamente fixou Leão XIII a doutrina do *Estado-Affonso-Costa*. Ella revela a contradição singular entre o conceito da palavra e o uso que d'ella se faz. Não ha tyranno mais odioso do que o apregoador da *liberdade!* Elle tem como ninguem a arte de estrangular, moral e physicamente, quem assume a estranha audacia de pensar por outra fôrma, ou de fallar em contrario. Creou para seu uso proprio uma verdade e uma virtude, e por essa doentia hypertrophica do eu dissociou-se da sociedade, se assim nos podemos exprimir, rompeu com a tradição que une e liga o presente ao passado; subtrahido a qualquer influencia, *livre* de qualquer peia que não o seu capricho, nada lhe resiste, familia, profissão ou Patria. Mas n'esse antagonismo fatal e necessario do individuo *livre* contra a Sociedade, contra a Nação, está tambem fatal e necessariamente a causa intima e segura da sua ruina final.

Paris, Abril, 1913.

Ayres d'Ornellas.

Promessas e processos

Do alto dos tablados da propaganda, os arautos do republicanismo portuguez apregoavam, perante o publico, um monstro horrendo, com o nome de monarchia.

Escandalos de bastidores, vicios do politismo parlamentar, fraquezas d'um ou outro vulto, mais ou menos representativo, — tudo isto muito bem aproveitado, e armado, como se aproveitam e armam sarrafos de madeira de refugio, — e eis a prumo esse Grande Cavallo de pau, com que os Gregos da Democracia vermelha, penetraram na Troia dos seus sonhos de governança.

Fez-se a Republica, e o Grande Cavallo de pau conservaram-n'o em pé. Tendo servido de ariete no combate, passou depois a empregar se como effigie de criminoso, que se assignala ao Povo, para que o Povo se acautele.

Estratagemas de guerra, ou Mentiras simples, conforme queiram chamar-lhe. Mas estratagemas, ou mentiras, de perniciosas consequências.

Taboas pódres, ou avariadas, tinha a Monarchia, e taboas pódres, ou avariadas, tem a Republica, em todos os agrupamentos que actualmente a constituem.

Assim estará certo. Ir mais além, generalizando e totalizando desconceitos, que só a fracções podem com verdade attribuir-se, representa, a par d'injustiça flagrante, fonte perenne de represalias e revoltas, propria para tornar o Paiz no espelho vivo das antigas republicas sul-americanas, com todos os agravamentos, que a nossa situação especial sem duvida comporta.

As circumstancias, em que se implantou o novo regimen, envolviam certos vicios d'origem, traduzidos a poucos passos na predominancia da corrente demagogica, sectaria e oppressiva.

Lamentaram-n'o decerto os republicanos sinceros, acima, e mais do que ninguem. Estamos plenamente convencidos d'isto.

Passos Manuel, symbolo preclaro das mais puras virtudes democraticas, e do mais acrysolado patriotismo, dizia em 1844, dois annos depois de abandonar as luctas governativas...

«Este fastio, esta indiferença, vieram-me no dia em que o meu proprio partido commetteu um grande erro, e direi francamente um grande crime; foi no dia da persiganga... Desde então considere a revolução como perdida, porque estava deshonrada... e assisti, melancolico, ao seu passamento e ás suas exoquias. Retirei-me da vida publica...»

Passos Manuel! Quantos democratas d'hoje terão evocado a tua memoria nobilissima em busca de balsamos para a sua a tristeza de desilludidos!

* * *

Ninguem esperava, nem exigia, da joven Republica, que ella, — á semelhança de Moisés, obrigando com a sua vara as aguas crystallinas a brotarem de um penedo requeimado, — fizesse surgir de um só golpe, na nossa Patria bem amada, a Edade d'Ouro, as Eras do Leite e do Mel, o Novo Paraíso Resurrecto, — ou, em fim, o cumprimento puro e simples d'aquellas celebres Promessas, que, em paralelo com o Grande Cavallo de pau, tão bem caracterizam a sciencia, a consciencia e a sinceridade, das campanhas d'oposição anti-monarchica.

Não. Ninguem pedia milagres d'esse genero, nem mesmo muito menos.

As velhas tradições portuguezas, incluem na base o municipio, como elemento com vida propria, dentro do organismo nacional, e não como engrenagem passiva de um systema centralizado.

Quando, e de que modo, demonstrou a Republica a sua intenção de restaurar, nos devidos termos, esses antecedentes liberaes, e o seu desejo de pôr em serviço essa verdadeira Escola primaria d'educação democratica, á falta da qual o funcionamento das novas Instituições não passará nunca d'uma mystificação tão grosseira, como deshonesta?

Dois annos e meio decorridos sem eleições, nem promulgação do Codigo Administrativo, respondem á pergunta.

E lembrando-nos, ao mesmo tempo, que a lei de Separação da Egreja foi decretada em menos de sete mezes, — logo se fôrma uma ideia da diferença que existe, entre a mercadoria e o pavilhão, — quer dizer, entre as verdadeiras inspirações, e propositos sectarios, da revolução republicana, e os canticos da liberdade, egualdade e fraternidade, para embalar meninos, ou para enganar o Povo, que vem quasi a dar na mesma.

Por outro lado, sendo com effeito o Parlamentarismo o processo traductivo da intervenção popular na diligencia dos Paizes mais cultos e liberaes, succede todavia estar o mesmo Parlamentarismo, por justos motivos d'experiencia, cahindo bastante em descredito, até no seu proprio berço de nascença.

E esses defeitos podem, em certo grau, atenuar-se, chamando, quanto possivel, á colaboração do governo as Associações representativas dos grandes interesses nacionaes.

Se invocarmos para a barra dos testemunhos a Agricultura, a Industria, o Commercio, e o Trabalho, portuguezes, elles poderão, se quizerem, dizer, melhor que nós, qual a interpretação que a Republica tem dado a essas normas salutaras.

A cooperação, ao que vemos, não se torna necessaria.

Acontece, no entretanto, que a Dinamarca, por exemplo, com menos de metade da nossa população, e menos de metade da nossa area territorial, exporta quasi o quadruplo do que nós exportamos. D'aqui se concluiria por ventura que, aproveitando melhor as nossas gentes, e os nossos recursos naturaes, a nossa exportação poderia successivamente elevar-se, — não diremos a oito vezes, — mas, pelo menos, a um valor muito mais alto do que o presente. E teriamos a fortuna em logar da bancarrota.

E egualmente se concluiria estarem mal instaladas as nossas officinas do Trabalho: Aptidões do Povo, para um lado; e para outro lado, grandes, extensões inactivas de charnecas, pousios e sub-solo.

São as peças soltas de um machinismo-susceptivel de fazer a Prosperidade da Patria, se não faltassem a montagem e as Instrucções directivas.

Nem mesmo estas faltam completamente, porque, se as procurarem bem, lá as irão encontrar dentro do ventre do Grande Cavallo de pau, n'uns pobres rolos de papel com os nomes d'Antonio Augusto d'Aguiar, Oliveira Martins, Marianno de Carvalho, e outros incompetentes da herança monarchica.

Devemos confessar, comtudo, que ha methodos dependentes de menor esforço. O soba d'umas terras africanas, onde passeamos em tempos, tinha legislado que os dentes de todos os elephantos abatios nos seus dominios, entrariam immediatamente nos seus cofres d'Estado. E como o marfim era a unica riqueza do Paiz, e a unica moeda compradora, o soba, fornecia-se lautamente de gozos europeus, e os subditos gozavam a carne do elephante, que não é tenra, mas, emfim, come-se.

Citámos este exemplo ultramarino unicamente com o fim de frisar bem quanto é vasta, e varia, a escala dos methodos fiscaes.

Cada um escolhe o que melhor se lhe figura, conforme os seus pontos de vista. Quem nos diz a nós que a Republica com a sua lei de contribuição predial, de 15 de Fevereiro, não tem na ideia socializar a Propriedade pela sua desvalorização prévia, e receber, no entretanto, do Brazil, o titulo de

«Povoadora», para fazer um certo ferro aos manes do nosso Rei D. Sancho?

E, sendo assim, claro que escolheu perfectamente o methodo adequado.

Vá, pois, seguindo a navegação, se os Pilotos entendem que vae bem, e se os tripulantes concordam, e consentem.

«Amarra a Barca a uma Estrella, se queres Feliz Viagem», aconselharia o Poeta.

Bem sabemos que, para o caso, não serve, visto, os faroes do Céu estarem, lá pela Patria, legalmente apagados.

Mas cada qual dá o que tem, e nós, por fóra e por dentro, no dictionario, e na alma, não temos senão «Reacção».

Henrique de Paiva Couceiro.

Os bons tempos da tropa

O plantão da porta

A' porta da Caserna, na posição de «descansar», meio encostado, á sucapa, ao humbral — o 45 estava morto de somno e farto d'aquelle dia de inacção forçada, para alli pegado, de «parada da guarda» a «parada da guarda», vendo os que entravam e vendo os que saham e constantemente a «anunciar» para dentro:

— Cabo de dia: O nosso capitão!

— O nosso primeiro...

— Cabo de dia! Está a tocar a avançar ao refôrço...

Realmente era de aborrecer este officio *protocolar* de pregoeiro e «introductor» da companhia.

E depois o que custava, á tardinha, depois do rancho, vêr sahir os camaradas, a dar o seu giro, a bota bem engraxada, á *cadete*, a calça de cotim afiabrada e unida á perna, desenhando as fôrmas, a jaqueta com os botões a luzir, o sabre a dar, a dar, o barrete posto ao lado, á *faia!*... O que custava ficar para alli sósinho n'aquelles melancholicos fins de tarde, no meio do quartel êrmo!

Só lá de baixo, da caserna da *Banda*, algumas vezes vinha o trinar agudo de um cornetim, ou o som fanhoso do oboé: era um «aprendiz» detido que esmoia um «ordinario», já trinta vezes ouvido...

Que aborrecimento!

Depois a fôlga de serviço era tão pequena: um dia guarda, outro plantão, outro exercicio, outro *ordens*.

Um sarilhão de serviço, que fazia com que o pobre 45 *tivesse a honra* de ouvir o seu numero diariamente atirado aos quatro ventos, á *formatura do recolher*, quando se lia a ordem...

Um sarilhão de serviço! E não havia elle de estar aborrecido...

Lá dentro, á frente da companhia formada em duas fileiras — o *piquete de prevenção* á direita, depois os corneteiros, depois os cabos e *praças velhas* e na esquerda a *arraya miuda* da galuchada — e ao clarão bruxoleante do lampião de petróleo, o 1.º sargento, o esgrouviado Nogueira, ia remoendo a *chamada*:

— 27!

— Prompto!

— 29!

—.....

— 29!

—... Prompto! — acudia apressadamente uma voz estremunhada.

— O' seu 29... vocemecê parece que está a dormir... Uma praça debaixo de forma nunca dorme! Nunca!... Veja lá se quer que o acôrde com duas guardas á *policia*... Veja lá... 34!

— Prompto!

— 42!

— Prompto!

— 45!

E lá da porta, o *nosso* homem:

— Prompto!

— O' seu 45...

— Prompto, *mê* primeiro!

— Veja lá se annuncia o senhor official de inspecção com voz que eu ouça, percebeu?

— Esteja o *mê* primeiro descansado...

E a *chamada* seguia o seu curso normal.

A' porta, o nosso 45 quasi dormitava. Isto é, a bem dizer, elle dormir não dormia mas o pensamento andava-lhe por tão longe, por tão longe de chamadas e outras miserias terrenas!...

Começava por olhar tristemente para a sua cama. As *mantas* do 41 lá estavam no seu logar. Ninguem as empalmára. Era pois certo que teria mais esses pedaços de lã para lhe agasalhar os ossos, d'alli a pouco.

Por esse lado as cousas não iam mal, valha a verdade.

O esgrouviado Nogueira, no tom aflautado e apressado de quem está a conferir *móstras*, lia o *Serviço*:

— 49, 23, 66, cabo 17 — guarda ao Limoeiro...

— 119: ordens á brigada.

— 42: plantão aos adidos.

— O' *mê* primeiro, dá *lexenxa*? — interrompeu uma voz beirôa, da esquerda da companhia.

— Diga...

— *Xabará* o *mê* primeiro, que eu ainda hoje *xahi* de fachina ao rancho *girral*...

— Ah! Sim?! Ora muitos parabens...

O *xôr* 42 faz favor de, quando quizer dizer d'essas cousas, fallar primeiro com a *lata* do rancho... Que diacho quer você que eu lhe faça?... Irra! Sempre com reclamações!... Aposto que queria estar sempre de «nada» ou que eu fosse entrar de plantão por você... Era o que faltava... Está *escalado* e muito bem *escalado*. Fique sabendo que eu servi ainda com o sr. coronel Gama Lobo, que não era para praças... Sei muito bem fazer *escaldas!* Que tal está o *tanso*... Olhe: reclame, se quizer, pelas vias competentes — depois do serviço cumprido, está claro... senão, póde muito bem *entalar-se*...

E o *sermão* do Nogueira não tinha fim. As praças já sabiam: amigo Nogueira despejava para alli todas as suas *notas biographicas* e todo o seu *reportorio*...

Quem não ouvira nada d'este diálogo fóra o nosso 45...

Nadava em pleno azul!

Apenas, muito vagamente, déra por um tropél apressado de passos, lá ao fundo da parada. A *guarda de policia*, que recebera a voz de «braço arma!»

Depois, ainda mais confusamente, para as bandas da 2.ª do 2.º, um plantão — um irmão na desgraça — que se esganiçava:

— Sr. official de inspecção, *mê* *primero!*

— 2.ª: Senti... do!

— Falta alguem, Reis?

— Não falta ninguem... Uma praça deitada com auctorisação de Vossoria...

— Está bem, mande *descansar*...

E o tropél afastava-se, enfiando pelas escadas ingremes, que levavam ao 3.º Batalhão.

.....

Ah! Agora lá ia *elle*, a caminho da terra... Como por encanto, em que instante, se haviam passado os longos 16 mezes e 5 dias que lhe faltavam para passar ao *Batalhão grande!*

Lá ia *elle*, a caminho da terra: Santarem, Abrantes, Castello Branco, Fundão, Alcains...

E subitamente, no ar fresco e calmo da madrugada, em que o silvo da locomotiva punha estridencias, repetidas sem fim de quebrada em quebrada, até se perderem ao longe nos primeiros contrafortes da serra, uma voz ia gritando, ao longo dos wagons:

— Sabugal! Sabugal! Sabugal!...

Apeiara-se de roldão, o sacco de chita vermelha ás costas, a jaléca curta de saragôça bem cintada, a calça estreitinha, á bocca de sino, que elle comprara na rua dos Algebébes, a carapuça negra, de malha, puchada até ás orelhas...

E, ala! Serra acima, pelo duro trilho, entre a urze e a giêsta, ahi vae o nosso 45 todo lépido.

O ar estava frio com as primeiras nevadas de novembro. Elle, porém, não sentia a aspereza da atmosphaera. Só

pensava no seu povo, na sua pobre aldeia, perdida ao longe, n'um reconcevo da penedia, tão acachapada, que mal se via, tão escura, tão nua, tão érma, que quasi espantava, como creaturas de Deus alli pudessem viver...

Mas tão linda! Tão liuda para o pobre 45!

E, n'um canto de alegria, por se vêr entre imagens familiares, atirou pelo ar fóra:

«Ai! Lá vae o cabo Pinna
Levar o rancho á ferradoira!»

De subito, na volta d'um caminho, um rumôr que se aproximava apressado. Ah! Quem havia de ser?

O ti Francisco da Meimôa, que já de longe lhe gritava:

—Eh! Zé...

—Eh! Ti...

Mas n'isto abriu os olhos, um baque surdo no coração, o acordára. A *senti-nella do cofre* batera pesadamente em *sentido*, com a arma.

Mal vê, de estremunhado. Oh! Que confusão, Deus meu! Ouve uma voz dizer-lhe:

—Então n'esta companhia o plantão está a dormir?... Eh! Lá... Oh! rapazinho acorda de vez...

E 45, ainda entre o Ceu e a Terra, absolutamente apatetado mas com a recomendação do Nogueira bem vincada na memoria para annunciar o official de inspecção «de maneira que se ouça» — volta n'um grito estridulo, ás suas funcções de «introductor»:

—Ti Francisquinho, mê primeiro!

Saturio Pires.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Agentes da Carbonaria tentam provocar a deserção



JAYME CAIO

Tenente de Cavallaria da Reserva

Ia adeantado o inverno e cada vez mais atrazado o pret. A roupa era pouco, e d'esta feita Deus não dera o frio conforme a roupa, e muito menos conforme o calçado. Comtudo, as queixas mal as sabiam os officiaes de cada agrupo, cada um lá se lamentava entre si, e Tourém — a ponta de terra portugüesa que encunha o partido de Bande —, se não andasse a escutar não as ouvia. Mas a falta de dinheiro não se encobre. Guarda-se um segrêdo, dissimula-se uma doença chronica; a falta de dinheiro, passageira que seja, denuncia-se ao longe com a evidencia d'uma luz, passeando a noite. Para mais, as povoações sempre davam á lingua: «Los Portugüeses estan en atrazo!...» As tentativas carbonarias engrossavam, procurando manejar a deserção, offerecendo dinheiro aos acantonados da Galliza, a impunidade, passagens para o Brazil e os soldados monarchicos, sem vintem, sem roupa, sem calçado, respondiam ao convite da deserção, correndo á pedra a carbonaria.

Um dia, decorria novembro, o comandante do grupo acantonado em Valoiros, tenente de cavallaria de reserva Jayme Caio, viu entrar a porta do seu quarto, o cabo Antonio Francisco Rodrigues, com um papel amorfanhado na mão:

—Meu tenente, dá licença? perguntou o cabo, depois de estar dentro do quarto.

—Que ha?

—Ha que lá os srs. officiaes d'infantaria 19, que estão ahí em Cavaleiros, ahí a dois kilometros da gente, medem tudo pela mesma raza, e vae ó depois mandaram para cá isto.

E o cabo passou este textual papel ao tenente Caio:

«Aos emigrados portuguezes

«O Governo portugües animado da melhor boa vontade e de conseguir o socêgo, evitando de qualquer forma ou modo, perturbações na

nossa querida Patria, benevolente como sempre tem sido está disposto a deixar entrar livremente em Portugal todos os emigrados que aqui se encontram exceptuando os principaes dirigentes. Os proprios desertores serão julgados sómente como tendo commettido simples deserção. Entre vós ha filhos do povo, d'esse povo que governa em Portugal que para aqui viesteis arrastados por outros que d'esse povo não são filhos.

«E' a vós que me dirijo.

«Deveis estar convencidos que todos os segrêdos da contra-revolução foram descobertos e que portanto esta jamais irá avante.

«Portanto, sem perda de tempo apresentae-vos a qualquer administrador do concelho do districto de Villa Real ou aos consules de Verim e Orense que elles sem contra vós proceder vos tomarão declarações e vos mandarão em paz para vossas casas.

«Se quizerdes falar com quem a vós se dirige vinde a Cavalleiros onde me encontrareis em casa de D. Severino Mugro por especial fineza d'este

Pela commissão

Antonio J.º Luiz Pereira

R. Sto Antonio 31 — Chaves»

—Foste só tu que recebeste isto? interrogou o tenente Caio, acabando de lêr.

—Saberá vos'soria que veio para todos.

—E depois?

—Depois... se vos'soria dá licença eu vou a Cavalleiros e prégo uma estafa no homem!

—Tás doido?...

—«Precisa d'uma ensinadella!»

—«Nós damos-lhe com o papel na cara!»

—«Mette-se-lhe pela bocca abaixo!» — gritaram outras tantas vozes de soldados, por traz do cabo.

—Silencio! — ordenou o tenente — Alguns de vocês querem aceitar?

—Aqui não ha canalhas, meu tenente! respondeu, magoado, o cabo.

—«Ninguém aceita!»

—«Ninguém aceita!»

—«E' o aceitais!» gritaram os homens.

—Então não façam caso, — aconselhou o tenente Caio.

—Com perdão de vos'soria, isto assim é que não pode ficar! — declarou o cabo.

—Vocês querem tirar a desforra da offensa?

Todos disseram que sim.

—Pois, então, façam isto: vão lá, digam que querem ir para Portugal, que estão fartos d'isto, peçam-lhes salvos-conductos, e apanhem-lhes o documento. Assim já elles não podem dizer mais tarde que fui eu que escondi o papel e que vocês não aceitaram por não saber d'essa proposta.

—Quer-se mesmo que elles saibam que a gente foi entregue do papel.

—Bem, então, podem ir. Mas juizo, ein?

—Póde estar descansado, meu tenente! — assegurou o cabo.

—Se não fosse cá pelo respeito que guardamos ao nosso tenente, elles haviam de ter a resposta! Mas o nosso tenente manda... — resmungou uma das praças.

—A todo o tempo é tempo, homem! — replicaram os outros.

—Com licença de vos'soria, meu tenente! — tornou o cabo.

—Adeus, e olhem se teem juizo — tornou a recommendar o tenente Caio. — E' verdade! vocês não dêem os vossos nomes.

—Eu cá digo chamar-me Francisco da

Silva, ou coisa assim, em vez de Antonio Francisco Rodrigues — declarou o cabo.

—E nós tambem não faz minga dar os nomes verdadeiros — ajuntaram as praças.

—Depois cá venho dar parte a vos'soria do que fór passado, meu tenente! — poomplificou-se o cabo.

—Pois, sim; e se algum dos homens quizer ir embora, deixa-o ir. Aqui não se prende ninguém á força.

Documentos Authenticos

Foi o cabo, acompanhado de varias praças do 4.º grupo, a Cavalleiros onde encontraram o tenente Roma que lhes decalcou, sobre o retórno do Filho Prodigio, a anciosa saudade da Republica por aquellos filhos queridos, por ali a penar os negros males da terra estranha. E para que podessem regressar ao vitêlo das bôdas, o enviado generoso da Republica moniu-os da immuniidade de duas guias de marcha, uma para o cabo Antonio José, arvorado do posto fiscal de Tourém, outra para o administrador do concelho de Montalegre.

O cabo Antonio Francisco Rodrigues colheu os documentos, jurou que ia d'ali fazer a trouxa, a mais os camaradas, e voltou, com quantos homens levára de Valoiros, ter com o tenente Caio.

—Aqui está, meu tenente. Esta diz que era para o cabo da guarda-fiscal de Tourém. Faça favor vos'soria de lêr, E o official leu.

«Antonio José

«Vae ahí Francisco da Silva...

—Francisco da Silva, como o meu tenente sabe, foi o nome que eu dei —, interrompeu o cabo.

O tenente Caio assentiu com a cabeça e recomeçou, em voz alta, para os homens ouvirem tambem:

«Antonio José

«Vae ahí Francisco da Silva acompanhado de varios portuguezes todos desgraçados, que vão apresentar-se a Montalegre para seguirem aos seus destinos. E' bom mandar um guarda acompanhá-os para saberem o caminho e apresentá-os ao sargento Julio, afim de os apresentar ao ex.º administrador.

Sem mais

Bento Roma

Cavalleiros — 11-11-911»

—Agora esta que diz que era para o proprio administrador.

E o tenente Caio leu o segundo documento:

Ex.º Senhor

«O portador d'esta é um dos desgraçados que para aqui andam arrastando uma vida de miseria e de nostalgia. E' Francisco da Silva e leva em companhia d'elle os seguintes:

—Saberá o meu tenente que todos esses nomes são suppostos — avisou uma das praças.

«... os seguintes (recomeçou o tenente Caio): Antonio de Magalhães, de Cabeceiras de Basto; Domingos Gonçalves de alturas de Barrozo; Antonio da Silva de Cabeceiras, Alberto Lopes de S. Domingos (Lisboa), Antonio Macêdo dos Santos; Antonio Pedro Garcia de Villa Nona de Gaia, João Peixoto, do 3.º bairro de Lisboa.

Pede o creia seu m.º amigo obg.º

De V. Ex.ª

Bento Esteves Roma

Cavalleiros, 11-11-911»

—Desgraçados serêmos a gente, — (commentou um soldado) mas temos mais vergonha na cara qu'á muitos que por lá ha pela republica!

—Não se compára um oirico c'um castanheiro! — acudiu outro.

E foi uma explosão de firmeza, de brio, de lealdade mal-ferida pelo convite á deserção. O official acalmou-os, reconhecendo-lhes a lealdade, e ali acabou o caso, para recomeçar lá-fóra entre os homens, até chegar ao conhecimento de todo o grupo, passar d'esse ao grupo visinho, n'um arrepio de dignidade por todos os acantonamentos, d'onde nem sequer um homem saiu. Em todos elles, um por um, o official commandante do grupo, chamou os seus homens, leu-lhes o papel que lhes offerecia o regresso impune, e declarou-lhes:

—«Quem quizer ir póde ir. Não queremos cá ninguém á força. Na certeza de que quem passar para além d'aquelles montes não espere poder tornar para nós.»

Mas as praças nem esperavam pelas ultimas palavras; a cheia de protestos trasbordava logo e era um trabalho para os conter. D'ahi a dias, o tenente Rebello chegava á sala do quartel-general de Mogueimes a rir ás gargalhadas.

—De que é que vens tu a rir? perguntou-lhe o tenente Saturio Pires.

—Não ouviste?...

—Ouvi, para ahí, um bocado de bulha, mas julguei que fosse os homens a jogar o chinquillo.

—Jogaram o chinquillo, jogaram, mas foi nas costas dos carbonarios.

—O quê?!

Então, o tenente Rebello contou: uns carbonarios passaram, n'uns burros, rondando o acantonamento; um dos homens do grupo do tenente Saturio Pires conhecêra-os, e gritara:

—Lá vão elles.

E, como á voz de fôgo, uma descarga de pedradas varreu a cavalgada.

Joaquim Leitão.

Pathologia da Republica

Anemia de ideias e fluxo verbal

«Il y a un siècle que la France ne se gouverne que par des mots». Isto (se me não engano) escrevia, ha uns vinte e cinco annos, Blouwitz, o celebre correspondente politico do Times em Paris.

O mal não foi só da França. Foi de todas as nações latinas, que do seu doutrinarismo receberam o largo e poderoso influxo. Não escapamos nós a elle no tempo da revolução liberal e da monarchia representativa, onde a formula, a palavra, foram, muitas vezes, o labaro guizador de toda a acção politica.

A Republica, porém, n'este capitulo, tem deixado a Ominosa a perder de vista. N'este capitulo — como em todos os outros, confessemol-o, embora isso pese ao nosso thalassismo...

A Republica só se tem governado com palavras. Palavras, palavras, palavras... — como dizia o neurasthenico Principe dinamarquez. A cabeça dos seus dirigentes tem sido safara e avara de ideias. Mas os seus labios continuam sendo d'uma prolixidade, d'uma abundancia de parola, d'um fluxo verborrhatico, que parecem inexgotaveis.

Com effeito, lançando-se o mais imparcial, direi mesmo o mais benevolo olhar, sobre a obra da Republica, a impressão que d'esse exame se colhe é a d'uma absoluta esterilidade de pensamento governativo, d'uma completa carencia de planos politicos e administrativos, — que é como quem diz, d'uma profunda anemia de ideias.

Ha meia duzia de questões que são fundamentaes, que são basilares, no governo das sociedades contemporaneas.

E' a questão da ordem publica conjugada com a das garantias individuaes, com o direito de opinião, de reunião, de representação, com o dever social da tolerancia e de respeito reciproco das ideias mais oppostas, que constitue a propria essencia do principio da liberdade.

E' a questão do equilibrio juridico-economico das classes, ou, melhor, a questão social, com todos os seus vastos e complexos problemas.

E' a questão financeira, a questão primordial de toda a administração publica e o seu mais profundo e estavel alicerce.

E' a questão do equilibrio juridico-economico das classes, ou, melhor, a questão social, com todos os seus vastos e complexos problemas.

E' a questão da autonomia na administração local, principio que exige, para cada sociedade, uma solução privativa, determinada pelo seu caracter, tradições, educação, etc.

E' a questão do ensino e da educação nacional.

E' a questão da defeza externa, tanto sob o ponto de vista militar, como sob o ponto de vista diplomatico.

Quaes as ideias dos governos da Republica em todos estes capitulos?

Bem as revelam estes vinte e seis mezes de incomparavel felicidade politica e social, de que o novo regimen nos tem feito o dom magnifico...

A sua ideia de liberdade é a da demagogia anarchica.

A sua ideia da justiça social oscilla, fluctuante e incerta, do reconhecimento do direito de greve até á repressão vio-

lenta do exercicio d'esse direito reconhecido.

Os seus planos financeiros são uma grosseira *razzia* tributaria sobre a propriedade, sobre o capital, sobre o trabalho, para liquidar *deficits* brutos, *deficits* dos mais monstruosos de que reza a historia financeira do paiz.

Os seus projectos de fomento são invisíveis a olho nu. Um vago *credito agricola*, que até estas horas não se sabe que tenha fornecido ás necessidades da agricultura cinco réis... perdão! — meio centavo de mel coado.

A questão da autonomia na administração local está resolvida... pela supressão, pura e simples, d'essa mesma autonomia, enquanto que as camaras, arrastada e somnolentemente, discutem um pobre código administrativo, cuja longa e accidentada elaboração fetal só pôde ter como remate ou um aborto ou o nascimento d'um mostrengo, d'um aleijão, sem condições de vida.

Do ensino e da educação nacional, sob a Republica, pôde fazer-se ideia pelo facto, revelado no parlamento, de se acharem fechadas centenas de escolas primarias, pela completa desordem que lavra no ensino secundario e superior — e pelo espirito de intolerancia, pelos continuos attentados á consciencia religiosa, pelas leis dissolventes de todos os laços familiares, pela indisciplina demagogica, pela brutalidade dos costumes, que o regimen solicitamente tem semeado e cultivado na sociedade portugueza.

E as ideias sobre a defeza nacional, politica ou diplomatica, symbolisam-nas a cabeça desmiolada e tonta d'um velho almirante adhesivo, residuo infecto do que a Monarchia tinha de peor, a dizer baboseiras, a reclamar sacrificios com que o paiz não pôde, a fazer ineptamente o estendal publico da nossa fraqueza militar, e, ao mesmo tempo, as personalidades de entremez d'uns ministros dos estrangeiros e d'uns diplomatas feitos á pressa, que, sem valor, sem prestigio, sem situação, sem tacto, sem habilidade, sem conhecimento das questões, nos crearam a brilhante situação externa que, por vezes, a imprensa europeia vae deixando entrever nas suas indiscreções.

Eis as ideias, as concepções governativas, os planos de reforma, as plataformas de acção interior ou exterior, dos grandes estadistas da Republica e de todos os seus *representative-men*.

Mas, se as ideias brilham pela sua ausencia, o palavriado, ôcco e empolado ou violento e grosseiro, escorre como um fluxo irreprimivel, como uma hemorragia d'asneiras e de diatribes que se não estanca, nas sessões do parlamento, nas reuniões do directorio, dos centros partidarios e das chafaricas mais ou menos carbonarias, nas *tournees* de propaganda dos velhos *idolos*, nas columnas da imprensa vermelha, nas representações das collectividades jacobinas, nas declarações publicas das mais altas figuras da Republica, e até mesmo nos diplomaticos officiaes e nos documentos burocraticos.

E' uma caudal, uma torrente, uma inundação de phrases bombasticas e vãs, de rhetorica estafada, de formulas feitas, de patacoadas, de despauterios, de doestros, de injurias, de brutalidades quasi obscenas, e de pavorosos attentados á lingua patria e á sua esquelida e desrespeitada grammatica.

Estes dois symptomas morbidos parecem-nos serios e de extrema gravidade. E não podemos deixar de apontal-os como taes á familia da illustre enferma. Dos seus muitos males, de que andamos a fazer aqui o interessante estudo, estes são dos mais alarmantes.

Doutor Thalassa.

Chronica militar

Paris, 31 de Março de 1913.

Era já pessimamente impressionados com estas pavorosas delongas n'um caso de Salvação Nacional, que escreviamos a nossa ultima chronica — no proprio dia, se não estamos em erro, em que o ministerio Briand se sumia, em presença do já conhecido cheque infligido pelo Senado.

Não nos enganavam os nossos presentimentos!... A lei dos 3 annos, a já celebre lei dos 3 annos, não terá a completa execução, que exigem as graves circunstancias, em que a França se encontra, pelo que toca á sua defeza — ou ás suas aspirações, o que, para o caso, é o mesmo.

D'então para cá tudo tem mudado... para peor, louvado Deus!

O ministerio Barthou entra n'um rompan-te, concretizando o seu pensamento de *irreductibilidade*, em poucas palavras decisivas e energicas: «Vite et tout!»

— «Vite et bien!»

Pois é esse proprio ministerio Barthou que, poucos dias decorridos, e obedecendo a *presões*, de «origem» facilmente calculavel, abandona essa intransigencia no principio fundamental da Lei, e já admite variantes, palliativos, attenuantes — condemnadas *nemine discrepantur* pelo Conselho Superior de Guerra... — e que hão-de acabar de a «virar de cabeça para os pés», como se diz na nossa cantiga popular.

«Nihil novum sub sole».

Os procedimentos de 1867 com a Lei Niel, renovam-se. A *casta* dos politicos, que, tomou conta dos destinos d'esta Grande Patria, «não quiz» nos ultimos annos do 2.º Imperio. A *casta dos politicos* «não quer» hoje em dia, n'estes annos turvos que vão correndo e que podem bem ser os derradeiros da 3.ª Republica.

Não os *Fados* a cumprir se.

A Lei Niel sahiu amputada e desnaturada. A Lei Etienne desnaturada e amputada sahirá... Ninguem a conhecerá.

Eu quasi o ia jurar, se ella chegar a sahir. Outro dia, um amigo muito presado, narrou-me este caso, que não deixa de ser curioso:

Junto a um *placard*, na «Rue 4 de Septembre», um grupo composto de francezes apertava-se a lêr. Tratava-se d'um manifesto ou coisa parecida, em que calorosamente se fazia a defeza da Lei dos 3 annos.

Tres allemães passavam. Chamados pela curiosidade, aproximaram-se e leram e... lido o papel, foram seguindo o seu caminho, rindo ás bandeiras despregadas e commentando «em voz alta»... Isto é absolutamente veridico.

Os tres allemães não acreditavam que a Lei fosse por deante...

Duvidavam do patriotismo francez? talvez...

Não duvidamos nós, por nossa parte. A Historia Militar da França é de molde a fazer crer exactamente o contrario. Nunca paiz algum soube encontrar em si, no momento preciso, um tal reservatorio de energias materiaes e moraes, como esta grande França! Nunca!

As campanhas da Revolução e as do Imperio de l'Année Terrible são testemunhas irresponsiveis. Hoje mesmo sente-se nas camadas inferiores um *elan* bem significativo...

Não se trata, pois, do *legendario* patriotismo francez.

A França, porém, está, hoje em dia, debaixo da égide dos politicos e dos pacifistas á outrance.

Que importa que a verdade seja tão clara, que só os cegos a não vejam? Que importa a opinião unanime do Conselho Superior de Guerra?

Se é Jaurés e é Angagneur que dão as cartas...

Entre a opinião de Maitrôt e de Jaurés é certo prevalecer — a d'este ultimo! Nem outra cousa poderia succeder...

Assim a *manoeuvre trainante* foi coroada de successos.

A *comissão do Exercito*, tomando em conta as promessas do Ministro — *élargissement des congés*, etc., — resolve adiar as suas sessões até 24 de abril! Que pressa!

Isto é e em poucas palavras: delongas, *chinezices*, *mandarinices*, discussão, politica, estudo demorado e profundo (!!!) — nada, nada ou quasi nada!

Assim está posta a questão n'um paiz, que é uma grande potencia e que tem as duras responsabilidades dos seus destinos e do seu *rang*!

Diz-se em Hespanha, quando alguém vae a jantar:

«Que le aproveche!»

Pois «que les aproveche» aos francezes... Cada um come do que gosta. O diabo são as... *indigestões de pacifismo*...

* * *

Entretanto *au delà des Vosges* a Lei Militar, que já vimos algures classificada, e com verdade, de *esforço sobrehumano*, vae entrando em execução. Os recursos financeiros apparecem.

Uma vontade *única* dirige o barco e todos

os esforços se empregam, tendo, como mira o mesmo objectivo: a Salvação da Patria, as suas ambições, os seus interesses e os seus sonhos de hegemonia.

Marcou-se um ponto na frente e marcha-se direito a elle sem tergiversações, sem largas declamações, sem discussões estereis.

«Manda quem pôde e quem deve mandar. Obedece quem deve obedecer!»

E' a velha e sempre nova verdade.

Ponhamos de parte toda a nossa sympathia de raça de latinos, e concordemos em que a obra gigantesca da Allemanha é d'aquellas, que causam emoção e respeito.

E' o verdadeiro patriotismo: o patriotismo consciente que sabe o que quer e para onde vae, que não faz barulho e trabalha com methodo, com ordem, com socego, com affinco e com tenacidade — para a maior grandeza da terra, que é a sua «Patria Allema». Não ha duvida: os *allemães* têm direito a escrever sempre *Eu*, com letra maiúscula!

* * *

Quer vêr o leitor o que representa esse bello esforço militar e financeiro?

Pois ouça:

Além do enorme augmento de effectivos de todos os batalhões, esquadrões e baterias, a nova Lei Militar prevê:

1.º A formação de 17 novos regimentos, dos quaes: 3 d'artilheria, 6 de cavallaria, 8 de engenharia.

2.º Creditos para a frota aérea elevando-se a 100 milhões de francos.

3.º Formação d'um grande numero de unidades technicas, entre as quaes: 4 batalhões de telegraphistas, 5 batalhões de pilotos d'aeroplanos, 2 batalhões e duas companhias de pilotos de balões e dirigiveis, algumas secções independentes de projectores luminosos de campanha, 18 novas companhias de metralhadoras, 16 novas secções de metralhadoras de fortaleza, 18 companhias ciclistas e 10 novas secções para os serviços technicos.

4.º O thesouro de guerra, guardado na Torre Juliães, de Spandau, é triplicado. Sôbe de 120 a 360 milhões de francos (450 milhões de francos).

— As *despezas extraordinarias*, provenientes da nova lei são assim distribuidas:

— 230 milhões de francos para a construção de casernas.

— 290 milhões para fortalezas.

— 79 milhões para a frota aérea.

— 71 milhões para a artilheria.

— 46 milhões para os campos de tiro e manobras.

— 28 milhões para a engenharia.

— 15 milhões para o serviço de saude e ambulancias.

— 66 milhões para fardamento, armamento e equipamento dos novos recrutas.

— 15 milhões, finalmente, para abarracamentos provisórios enquanto se não acabam de construir novos quartéis.

O *premio de readmissão* para sargentos é augmentado, no fim de 12 annos de serviço, de 3:000 a 3:550 francos.

O general Von Goertz dá os seguintes esclarecimentos aino sobre a nova lei:

— Todos os regimentos da fronteira terão o *effectivo maximo* de 721 homens por batalhão. Os do interior passarão a ter 641 homens, isto é, o effectivo de guerra, anterior á lei.

— A cavallaria não conhecerá senão um effectivo, que ultrapassará, em todos os regimentos, de 30 homens, os antigos effectivos reforçados da fronteira. Cada esquadrão a 150 praças.

Em resumo, e guiando-nos pelas informações do correspondente berlinense do *Echo de Paris*, os effectivos do exercito allemão passam a sêr:

36:000	officiaes
110:000	sargentos
662:676	soldados
201:000	voluntarios d'um anno

Somma 828:676 homens.

Juntado a estes effectivos os dos *serviços auxiliares*, teremos um total de 890 a 900 mil homens!

Formidavel!

* * *

Entretanto em França discute-se...

Nos ultimos annos do governo do 3.º Bonaparte, Duerot, governador de Strasburgo, cansava-se em cartas sobre cartas, chamando a attenção para os preparativos da Prussia, já victoriosa em Sadowa e fazendo o salto para se atirar, com os seus exercitos, sobre a Alsacia e a Lorena.

Essas cartas curiosissimas foram agora trazidas á luz da publicidade pelo general Maitrôt.

Ninguem o acreditava então, como com incredulidade eram ouvidas as informações do coronel Stoffel, adido em Berlim. Caminhava-se para o abysmo...

O peor foi que o «A Berlin!» se converteu tristemente n'um anno de miserias e de horrores e na enorme dôr de vêr o desfile allemão, fanfarras, pifanos e tambôres á frente, Etoile e Campos Elysios abaixo até á Concordia e Tulherias... Depois a communa.

A desgraça devia ser uma boa mestra para a França...

A não ser que os *pacifistas de hoje em dia* — dignos herdeiros dos que não queriam, em 67, a França transformada n'uma Caserna e a preferiram tornada n'um Cemiterio — tenham grande empenho em *mirar* os netos de Blumenthal, quando elles venham fazer, em *negras horas*, o *tour des Boulevards* — como o irritavel Chefe de Estado Maior do Principe Real da Prussia vinha, em 70, a cavallo, dar a sua passeiata até á Rue Castiglione e Place Vendôme...

Saturio Pires.

A MORAL POLITICA

Na grande questão da moral politica ha que vêr, cuidadosamente, as cousas como ellas na realidade são. O Estado não é simplesmente um organismo creado para conciliação das conveniencias individuais adentro do caixilho da existencia em commum; é tambem, sob outro dos seus aspectos, porventura bem mais importante, o ambiente social em que se desenvolve o caracter humano. Corrompido esse ambiente os caracteres desenvolvem-se mal e resultam falseados, corrompidos igualmente. O raciocinio por demais simplista dos democraticos da actualidade, herdeiros e successores dos jacobinos do final do seculo XVIII, que reduz a concepção do Estado a um aggregado de repartições publicas encarregadas da manutenção da ordem interna, da defeza das fronteiras e de algumas funcções correlativas a ambos esses objectivos, que o julga susceptivel portanto de supportar sem inconveniente todas as transformações e reformas, por profundas e radicaes que sejam, para rigorosamente se adaptar a quaesquer theorias de novidade sobre o exercicio de taes funcções, já não encontra defeza hoje em dia. Todos os pensadores sabem bem, entrevê a mesma verdade qualquer observador mediano, que o interlaçamento moral do Estado e dos individuos é phenomeno de muito maior complexidade: tanto maior quanto mais antiga seja a formação da nacionalidade a considerar. Se é verdade que o Estado foi, originariamente, criação do individuo, não é menos exacto que, por seu turno, este, como o conhecemos na actualidade, é, em grande parte, criação do Estado. O que o meio regional é para as caracteristicas physiologicas de todos os seres vivos, é similarmente o ambiente social para as almas humanas: o agente, de acção constante, caracterizador das suas virtudes e d'feitos. Não podemos abstrahir d'esse ambiente, desprezal-o, negal-o, e, simultaneamente, sentir a pretensão de reter o grau de civilização que a elle e só a elle devemos.

Não ha talvez presentemente á face do globo individuos alguns que conservem intactas da acção de qualquer Estado, mais ou menos rudimentar, as suas mentalidades e as suas moralidades. E' de lastimar que não exista esse typo primitivo, puro na bestialidade dos seus instinctos, cujo estudo comparativo com as nossas personalidades, seria interessante fazermos — depois de, á cautela, o termos mettido n'uma jaula bem solidida. Mas devemos imaginal-o como foi na realidade primitiva, obedecendo tão sómente aos dois impulsos primarios, da propria conservação e da propagação da especie, ignorando a bondade e o amor, a solidariedade e o altruismo, a justiça e o perdão, todos os ideaes ale vantados com que a vida em sociedade encheu a nossa alma de civilizados, para que, verificando a differença, possamos avaliar com certa aproximação quanto, como individuos, devemos ao Estado e reconhecer, portanto, quão poderosamente por elle temos sido influenciados.

E' certo que todos nós gozamos de um consideravel poder de independencia e de originalidade espirital; bastanos attentar nas personalidades dos fundadores de religiões, como Christo, para logo reconhecermos que esse elemento escapa, ás vezes por completo, á acção modeladora do ambiente social. Mas essa faculdade de sobrelevação, apaná-

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone, 2.777

LISBOA

gio aliás de raros individuos mesmo quando considerada em grau menor do que aquelle que como exemplo maximo se acabou de citar, em cousa alguma se mostra antagonica da acção toda poderosa da moral do Estado; e coexiste com ella muito explicavelmente, porque em ultima analyse a vemos actuar como a força originariamente creadora e constantemente aperfeiçoadora de toda a moral.

Descendo da generalisação á particularisação, é facil de constatar em nós mesmos, assim como em volta de nós, o profundo effeito da moral do Estado, do ambiente social regulado. Os excessos de certa escola de criminologia que ha annos insistiu em explicar pathologicamente todos os casos de depravação moral tiveram, afortunadamente, o effeito de estimular os pensadores a investigar a materia mais a fundo. Hoje, sem se desattender o que de verdadeiro e util essa escola introduziu nas conquistas do saber, está contudo bem averiguado que á influencia do ambiente moral cabe um papel importantissimo, se não predominante, no alastramento do crime que tantas vezes é praticado por individuos dotados de organismos maravilhosamente sãos. Na legislação que teem promulgado sobre colonias de correção para menores e sobre separação de primeiros delinquentes dos notorios reincidentes, todos os Estados dão provas evidentes de assim o haverem reconhecido.

Ora se tudo isto é verdade, e cada um de nós em sua consciencia sabe que assim é, como poderemos conformar-nos com o assentamento da moral do Estado sobre uma base tão palpavelmente falsa como é a da propaganda democratica?

Se a divulgação e o alastramento da amoravel Fé Christã não conseguiu ainda, apesar de muito nos ter feito caminhar, levar-nos á serena paz do proprio espirito e a sincero amor pelos nossos semelhantes, aonde pretende conduzir-nos o grosseiro mytho dos democratas, com o seu evangelho de indisciplina acobertado sob a pretensão de liberdade e o seu apostolado de inveja disfarçado em aspiração de egualdade?

A pergunta é ociosa dois annos apóz o triumpho da revolução republicana em Portugal e depois de vinte de maior intensidade da sua propaganda, porque a resposta nos é dada pelos factos da hora presente assim como pelas sombrias perspectivas do futuro proximo: pelas sepulturas prematuramente abertas, pelo accender de odios incansaveis adentro da pequena familia portugueza, por tanta eram de carreiras dignas que tão uteis ruina ao Paiz, de fortunas merecidas, de obras de caridade e de ensino indispensaveis, pela desordem, desbarato e indisciplina dos serviços publicos, pela relaxação de todos os laços sociaes aproveitada pela escumalha da população para o commettimento d'essa orgia de crimes que peja hoje, como nunca no passado, o noticiario dos jornaes mais cautelosos — isto para só citar o que é mais conhecido e provado por factos e para não encetar o capitulo das previsões de males maiores pela sua generalidade.

Eduardo Lupi.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

— Vindos do Porto, já regressaram a Lisboa o nosso amigo e distincto engenheiro, Alberto de Lima Rego, e sua esposa a senhora D. Cecilia Pinto da Fonseca Rego.

— Já regressou á sua casa de Guimarães, vindo de Lisboa, o sr. Luiz Cardoso de Menezes (Margaride).

— Encontram-se em Lisboa acompanhados de suas gentilissimas filhas, os senhores Viscondes do Tojal.

— E' esperada em Lisboa, vindo de Londres, a senhora Condessa de Arnoso.

— Esteve em Lisboa com sua esposa, a senhora D. Thereza Silva de Vasconcellos

Porto, o sr. Luiz Queriol de Vasconcellos Porto.

— Vimos no Porto o sr. José de Castello-Branco Ribeiro da Cunha.

— Regressou do Funchal o antigo governador civil, sr. conselheiro José Ribeiro da Cunha.

— Já regressou ao Porto o nosso amigo José Cardoso de Menezes (Margaride).

— Esteve em Lisboa o sr. José Infante da Camara.

— Já partiu para Bruxellas a senhora marquesa Paullicci de Calloli, com sua gentilissima filha e filho.

Um estabelecimento modelar

Os srs. Carvalho & Figueiredo inauguraram ha dias, na parte nova da rua do Sá da Bandeira, 409, um magnifico estabelecimento onde, e do mais fino gosto, se encontra uma variedade esplendida de mobiliario, em que predomina o elegante e moderno estylo inglez; uma secção de estofos, tapetes, oleados, azulejos, e os mais interessantes objectos de arte: jarras, figuras; emfim, tudo o que constitue a graça e a belleza do *boudoir* elegante.

Nas suas magnificas officinas, um pessoal habil e competente executa, de prompto, todas as emcommendas que lhes sejam enviadas.

E' um bello estabelecimento, este — não haja duvida — e, como tal, conscios do nosso dever, o recomendamos a todos os que nos lêem.

Aos srs. Carvalho & Figueiredo os nossos parabens por dotarem o Porto com uma casa onde, por modestos preços, se encontra o que, de mais *chic*, pôde desejar a nossa phantasia.

Carta de Lisboa

O escandalo produzido por duas entrevistas jornalisticas com o sr. Theophilo Braga occupou toda a semana, crescendo e avolumando-se dia para dia, á medida que se lhe pretendia dar remendo, e fez explosão agora com a explicação que o sr. Affonso Costa obri-gou o illustre auctor da *Historia da Universidade* a ir fazer á Camara. Foi tal a retumbancia que elle teve, que o Congresso de Aveiro, as recitas de Huguenet, os ápartes do sr. Celorico Gil sobre os protectores do sr. Eusebio da Fonseca, a tourada dos Casimiro, o assalto e o roubo ao Club da Praça dos Restauradores, a nomeação do sr. Alfredo de Magalhães para o directorio, o pyramidal relatório do syndicante á Camara do Porto, e *muchas cosas más* passam despercebidas. O caso Theophilo é que continua na ordem do dia, discutido desde os cursos particulares na casa de cada um até ás conversas ás mezas dos cafés, desde as columnas dos jornaes até ao summario das Camaras, ás esquinas das ruas, nas redacções, nos clubs, nos palcos e nos becos onde, por mal de todos, se discute, e o que é peor, se faz agora politica.

Historiemos: A 30 de Março appareceu o *Seculo* entrevistando o sr. Theophilo sobre o problema internacional. Perguntando lhe o jornalista se não seria conveniente definir clara e precisamente os termos da aliança ingleza, o ex-Presidente do governo provisório disse-lhe que sim, que era bom, muito bom mesmo, mas que não pensasse n'isso emquanto (sic) os *cargos diplomaticos fossem occupados pelas individualidades que actualmente os occupam*. E acrescentou textualmente:

— «En sou sempre muito sincero nas afirmações que faço e em verdade lhe digo que estou convencido de que governo algum pôde tomar a serio como diplomatas os individuos que presentemente occupam as legações de Portugal.»

Era um ataque em fórma, feito com aquella sinceridade e verdade de que o sr. Theophilo tanto blasona, ataque que passaria incolume se o sr. Brito Camacho que não pôde ver o sr. Theophilo, se não lembrasse de lhe dar as honras parlamentares de um discurso, com perguntas ao governo, o qual não poude deixar de declarar a responsabilidade das afirmações do seu correligionario, membro do directorio, e de declarar que tinha toda a confiança nos diplomatas. Feita esta declaração, de duas uma: ou o sr. Theophilo não tinha razão em dizer que os governos não podiam tomar a serio nem o sr. Teixeira Gomes, nem o sr. Sydonio Paes, nem o sr. José Relvas, nem o sr. João Chagas; ou o ministerio, mantendo-os nos seus cargos, tornava-se solidario com pessoas que se não tomam a serio.

O *Seculo* no dia seguinte veiu dar a sua opinião. Não avocava a responsabilidade das palavras do sr. Theophilo que, applicadas á diplomacia em geral, eram injustas, mas *acerca de muitas legações havia*, na conversa de S. Ex.^a, *mais verdade* (sic) que nos protestos do sr. Camacho e Macieira. Quer dizer, concordava que não todos mas alguns representantes actuaes de Portugal não podiam ser tomados a serio.

E' claro que alguns protestaram em cartas publicadas, outros em cartas que se não publicaram e todos vociferaram contra o sr. Theophilo que, ao fim de tres dias, apanha em sua casa um amigo, rapaz novo que elle queria encaminhar litteraria e scientificamente (de que se livrou o sr. Magalhães Collaço), e sem saber que elle era jornalista e muito menos que era do *Dia*, começa a conversar com elle a respeito dos diplomatas actuaes, contando-lhe sem se saber porquê nem para quê, varios pormenores escabrosos sobre cada um d'elles, em especial. O pobre amigo do sr. Theophilo ouvia tudo sem pestanejar, abysmado de tanta diatriba, e como de quando em quando elle lhe dizia: «Ponha lá, escreva isto, que é o facto» sacou da algibeira um papel e começou a tomar notas. E o sr. Theophilo tão atrapalhado estava que imaginou que essas notas eram para um estudo scientifico, e continuou sempre a dizer a sua opinião sobre o sr. Camacho, sobre o sr. Relvas, sobre o sr. Augusto de Vasconcellos, sobre o sr. Teixeira Gomes, sobre o sr. João Chagas e sobre toda a gente, unica e simplesmente para que o infeliz rapaz que elle queria encaminhar litterariamente podesse ficar conhecendo bem os diplomatas da Republica.

O sr. Collaço sahi da modesta casa da Travessa de Santa Gertrudes, verdadeiramente aterrado, sem saber atinar bem com o motivo porque o sr. Theophilo queria que elle apontasse o que lhe estava contando. De repente lembrou-se que o sr. Theophilo gosta muito de fazer partidas aos homens celebres, e transformou os apontamentos *scientificos* n'uma entrevista politica e tão bem o fez, com tanto talento e tanta verdade, que a gente lia o *Dia* e imaginava tal qual, que estava a ouvir o sr. Theophilo.

A entrevista será apocrypha como desejava o *Mundo*, mas está tão bem feita, que até parece phonografada!...

Ha coisas muito exquisitas n'este mundo, e esta é uma d'ellas.

Afinal, como tudo, tem uma explicação muito simples: O sr. Affonso Costa, vendo que o sr. Theophilo tinha razão e que os governos não tomavam a serio os diplomatas actuaes e logicamente a elle presidente do ministerio que os mantinha, muniu-se de toda a sua rabolice de advogado e convenceu o sr. Theophilo a ir á Camara dizer o que disse hontem.

Tudo para que as poucas pessoas que ainda admiravam o sr. Theophilo passassem tambem a não o tomar a serio.

E não teve grande difficuldade n'isso.

Quinta-feira 9.

Raul.

Annuncios

Herminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSAR.O DE VINHOS E AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão e de conta propria

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Notas

d'um Lisboeta

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda

nas principaes Livrarias.

CIGARROS Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.^a edição) Brevemente á venda.

HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros Manipulados com finissimo tabaco havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias

15 CIGARROS, 90 REIS

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

LEGITIMOS CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon

CREMES d'Herbe Divine

Universalmente conhecidos... como os mais higienicos

Não affectam a garganta

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, disepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Depósito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA
OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO!

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

Cimentos

NACIONAES

E ESTRANGEIROS

FOR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.^a

LISBOA



COMPAGNIES
DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar
A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.

A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Sequana*.

Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

A 28 de abril o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

A 29 de Abril o paquete *Zeelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para *Marselha*. A 11 de Abril o paquete *Roma*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

EM LISBOA

Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva

dos fabricantes inglezes

D. LEONART & C.^o

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris,
Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias,
venereas e syphiliticas

Diagnosticos e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o

DAS 3 ÀS 5 HORAS

Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de ga^z, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.^a

R. da Prata, 59-1.^o — LISBOA